

EFEITO METAFÓRICO EM SAUSSURE: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO FAZER CIENTÍFICO

METAPHORICAL EFFECT IN SAUSSURE: THE SIGNIFICATION'S PRODUCTION AT SCIENTIFIC MAKING

Mary Neiva Surdi da Luz²²

Liana Cristina Giachini²³

Denise Machado Pinto²⁴

Luíza Boezzio Greff²⁵

RESUMO: Neste estudo, revisitamos o *Curso de Linguística Geral* (CLG), visando a analisar, com base na Análise de Discurso Francesa (AD), o funcionamento das metáforas saussurianas no discurso científico sobre a língua, objeto da linguística. Para tanto, mobilizamos a noção de efeito metafórico, cunhada por Michel Pêcheux, entendendo esse processo como constitutivo dos sentidos. Nossas análises mostram que, ao pensar sobre seu objeto de interesse, o sujeito da ciência estabelece analogias, buscando questionar a si mesmo e, nesse processo, o efeito metafórico já está instaurado - na relação do cientista com o próprio objeto. Compreendemos, portanto, que esses deslizamentos se constituem como condição para que o sentido do discurso da ciência se faça ouvir e produza resultados na compreensão dos fatos linguageiros.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso da ciência. Efeito metafórico. Curso de Linguística Geral.

ABSTRACT: In this study, we revisit the Course in General Linguistics (CGL), aiming to analyze, based on the French Discourse Analysis (DA), the operation of Saussurean metaphors in scientific discourse about the language, the linguistic object. Therefore, we mobilize the notion of metaphorical effect, coined by Michel Pêcheux, understanding this process as a constituent of the significations. Our analyses shows that, when thinking about his object of interest, the subject of science establishes analogies, seeking to self-question and, in the process, the metaphorical effect is already established - in the scientist's to with the object itself. We understand, therefore, that these slides are constituted as a condition for the signification of the science speech is hear and produce results in the understanding of the facts of the language.

KEYWORDS: Science discourse. Metaphorical effect. Course in General Linguistics.

1 Introdução

A busca pelo saber é um desafio que acompanha a humanidade desde os tempos remotos. Desafiando paradigmas e (re)formulando constantemente o pensamento racional, o fazer científico se constitui entre o mito da verdade universal e o pensar a natureza abstrata do saber. E, nessa relação do sujeito da ciência com o objeto de conhecimento, a ciência, seja ela qual for, visa a vencer a “ambivalência” e a “incerteza” das condições “naturais” da vida humana (Bauman, 1999). Quando pensamos em Ciência, automaticamente nos remetemos à definição de um objeto, à elaboração de um método próprio ou, talvez, ao rigor e à objetividade. Iniciamos nossas discussões a partir de uma questão cuja resposta parece estar na ordem da evidência, mas que, ainda assim, não se esgota: em que consiste o fazer científico? Para que possamos empreender uma reflexão sobre esse fazer e os recursos

²² Doutora em Letras pela Universidade Federal De Santa Maria - UFSM e professora da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. E-mail: neivadaluz@uffs.edu.br

²³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: lianacristinagiachini@gmail.com

²⁴ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: dnisemachado@gmail.com

²⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. E-mail: izabgreff@gmail.com

utilizados pelo cientista na construção do discurso da ciência, questão que norteará nossa investigação, consideramos importante pensar também sobre as características que conferem a um determinado saber o estatuto de ciência. Ao buscarmos suporte para nossas reflexões, com Auroux (2008), mobilizamos as relações “representar, conhecer, saber”, entendendo a produção da ciência como processo de representação. Por este viés, a língua se constitui, então, como *meio* para representação, por meio do qual o sujeito da ciência produz sentidos que acabam por representar um conhecimento sobre objetos de estudo determinados.

Nesse jogo de representações, varia-se o objeto, varia-se a representação, para que um “novo” conhecimento científico seja concebido. Como, neste estudo, detemo-nos a pensar a produção do conhecimento sobre a língua, é a ciência linguística que nos interessa. Dessa forma, sustentamos nosso estudo na ideia de linguística como ciência, que, conforme Saussure em seu *Curso de Linguística Geral* (2012, p. 37), deveria “delimitar-se e definir-se a si própria”. A busca de Saussure por definições científicas instiga-nos, então, a tomar o CLG como *corpus* na construção do objetivo deste estudo: analisar, com base na Análise de Discurso Francesa (AD), o funcionamento das metáforas saussurianas utilizadas no discurso científico sobre a língua, objeto da linguística (SAUSSURE, 2012).

É importante ressaltar que, em nossa análise, levaremos em conta as condições de produção do discurso, por entendermos que elas são constitutivas do mesmo, uma vez que os sentidos estão inscritos na história e têm sua constituição afetada pela exterioridade, da mesma forma que o cientista. Pensamos, por isso, no movimento realizado por Saussure (2012), na presença dos neogramáticos e de sua linguística histórico-comparativa, em construir “o novo” em um momento em que pensá-lo implicava a quebra de paradigmas.

Nesse gesto de interpretação, mobilizamos a noção de efeito metafórico desenvolvida por Pêcheux (2009), que o entende como um fenômeno produzido a partir de uma substituição contextual capaz de produzir deslizamento de sentidos entre os termos, processo este que os afasta da literalidade. Interessamo-nos, portanto, pelo trabalho do *Saussure cientista* no uso da metáfora, pois, assim como Pêcheux (2009), acreditamos que seja condição para que o sentido do discurso da ciência se faça ouvir e produzir resultados na compreensão dos fatos linguageiros, que não estão atrelados à palavra de forma fixa, pois, como sabemos, o sentido está em constante deriva e será sempre outro, num movimento de atualização da significação.

Dessa forma, a fim de compreender o funcionamento discursivo de metáforas saussurianas – tais como a metáfora da folha de papel na sua relação com o valor linguístico, o cavaleiro de múltiplos domínios, o expresso Paris-Genebra, a rua reconstruída, e o sistema monetário –, analisaremos os efeitos de sentido por elas produzidos, no que concerne à ordem da língua e à produção de sentidos. Para tanto, realizaremos alguns recortes, selecionando sequências discursivas (SD) da obra saussuriana, sobre as quais nos debruçaremos na análise da formulação e constituição das metáforas.

2 Inquietações discursivas sobre a metáfora na produção do saber científico

A língua domina o pensamento, impondo-lhe a ordem do negativo, do absurdo e da metáfora.

(GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 59)

Não há como pensar a ciência linguística hoje sem a influência do corpus saussuriano, uma vez que, no imaginário ocidental, a Ferdinand de Saussure é comumente atribuída à nomeação²⁶ “pai da linguística”. Para Gadet e Pêcheux (2004, p.55), “Saussure constitui,

²⁶ Conforme Guimarães, dar nome a algo (nomear) é dar-lhe existência histórica, é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome.

direta ou indiretamente, a pedra de toque de todas as linguísticas atuais, o seu ponto de partida crítico”. Esse “processo semântico” (GUIMARÃES, 2003, p. 54) é sempre relacionado à delimitação do objeto, que confere o estatuto de Ciência à linguística – tida como ciência-piloto durante muito tempo no espaço acadêmico, especialmente nos anos 1960, o auge do estruturalismo.

De acordo como Paveau e Sarfati (2006), Saussure definiu a língua como o objeto da linguística e fundou a linguística moderna, operando uma “ruptura com a linguística comparatista de sua época, propondo uma abordagem não histórica, descritiva e sistemática (dir-se-á. Mais tarde, ‘estrutural’)” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 63).

Pêcheux (1999) considera que Saussure pôs-se a pensar contra seu tempo, rompendo com uma série de interrogações pré-linguísticas sobre a origem da linguagem e suas determinações biológicas, lógicas, sócio-históricas ou filosóficas. Também afirma Pêcheux (1999, p. 9) que “o estado atual da Linguística é que o ponto inaugural permanece evanescente, e que a ruptura por ele suposta nunca é efetuada” e que, desde a publicação do *Curso de Linguística Geral* até os anos 1950, as teorias linguísticas giraram em torno de Ferdinand de Saussure, ora filiando-se a ele, ora dela se distanciando.

Entendemos que, nos últimos anos, as discussões acerca das ideias saussurianas vêm se renovando constantemente, especialmente depois da publicação dos *Escritos de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002), obra que ora produz efeitos de contraposição, ora de complementaridade em relação ao conhecido *Curso de Linguística Geral* (1916), editado pelos discípulos do mestre genebrino – Charles Bally e Albert Sechehaye – com base em anotações feitas nos cursos oferecidos pelo linguista, na Universidade de Genebra. Além disso, importantes nomes da linguística, como Claudine Normand e Michel Arrivé empenham-se em discutir as noções trazidas por Saussure, seja para criticá-las ou para buscar compreendê-las.

Neste estudo, não nos interessa estabelecer juízo de valor, julgando a validade científica dessas obras, mas compreender o fazer científico saussuriano através de metáforas. Para tanto, é necessário que nos esforcemos no sentido de investigar como se constitui esse sujeito, que não é sujeito, mas se constitui como tal a partir de processos identificatórios fundados nas representações imaginárias às quais se relaciona. A esse sujeito – o sujeito da ciência linguística –, Gadet e Pêcheux (2004, p. 45) caracterizam como “louco pela língua”, já que essa “loucura por palavras” que pode desembocar na escrita, na poesia ou na teoria linguística, “persegue sem trégua o laço umbilical que liga o significante ao significado, para rompê-lo, reconstruí-lo ou transfigurá-lo” (GADET; PÊCHEUX, 2004, P. 45).

Assim, no movimento pendular²⁷ próprio da Análise de Discurso, tomamos a obra *Curso de Linguística Geral - CLG* (SAUSSURE, 2012), a partir da qual fizemos recortes discursivos que nos permitiram analisar o efeito metafórico na constituição do fazer científico saussuriano. Nesse gesto de análise, buscamos metáforas relacionadas à ciência linguística, a fim de compreender o funcionamento do efeito metafórico na produção do conhecimento, discutindo a ideia de que não há produção de ciência sem metáfora.

3 Levantando âncoras: metáfora e sujeito da ciência

Para realizarmos as análises a que nos propomos, entendemos que é indispensável discutir a noção de forma-sujeito da ciência, para que possamos compreender como se constitui esse sujeito sob a perspectiva da Análise de Discurso. Segundo Orlandi (2007), a forma-sujeito é a forma de existência histórica de cada indivíduo, interpelado pela ideologia,

²⁷ “[...] o dispositivo teórico-metodológico da análise de discurso se constrói num movimento pendular entre teoria e análise” (PETRI, 2013, p. 45).

interpelação essa que ocorre por meio do interdiscurso. Consideramos, portanto, impossível conceber o sujeito como origem de seu dizer, uma vez que ele só passa a existir enquanto sujeito quando da interpelação ideológica e do funcionamento do simbólico, e sua interpelação como sujeito só se dá pela identificação com a formação discursiva que o domina. Nesse sentido, ao pensarmos o sujeito da ciência, ancoramo-nos nessa autora, quando afirma que

O sujeito se submete à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se. E o faz em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado, em que se reflete sua interpelação pela ideologia. A ordem da língua e a da história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso (ORLANDI, 2007, p. 2).

Assim, também o sujeito da ciência “é um sujeito histórico, assujeitado à divisão de classes” (HENRY, 1992, p. 128), por ser interpelado ideologicamente a tomar posição em relação a um saber. Essa tomada de posição se dá na relação entre o sujeito e a forma-sujeito da ciência, na identificação do sujeito com uma formação discursiva específica. Para o teórico, então,

[...] levar em conta a dimensão da história, aquela da luta de classes, na Linguística, supõe uma transformação da relação entre a forma-sujeito da ciência e a forma-sujeito realizada no campo da complementaridade da realidade psicológica e da realidade social (HENRY, 1992, p.134-136).

Creemos, portanto, que a universalidade da ciência, assim como a noção de sujeito da ciência, são apenas efeitos, uma vez que falamos de um sujeito clivado, atravessado pelas formações ideológicas que o constituem e o interpelam a buscar o efeito de evidência da verdade científica. A mesma ideologia que interpela o sujeito, que o assujeita e impede a compreensão deste como *origem neutra* dos sentidos, funciona sobre a *ciência* como um todo: segundo Pêcheux (1995) (sob pseudônimo de Thomas Herbert), é em um espaço ideológico que a ciência se constitui, é sob a égide da ideologia que algo se constitui como objeto de interesse para ciências ou não. Assim, segundo o autor, a ciência é posterior à ideologia, e não o contrário.

Ancoradas na noção discursiva de língua como fluida e sujeita à falha, entendemos que o sujeito da ciência se constitui na contradição, já que também está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz). Esse sujeito, que visa a discursivizar um saber, busca um efeito de evidência de sentidos, ao tentar se fazer entender e produzir noções e conceitos que se constituem como saber científico. Apropriamo-nos, novamente, das palavras de Henry (1992), que, em análise pertinente do sujeito da ciência, nos mostra que

a categoria de "sujeito da ciência" ou de "sujeito do conhecimento" é uma categoria genérica constitutiva das ideologias teóricas nas quais e pelas quais, na prática científica, é produzida a evidência da verdade e da objetividade científicas como tais, através da determinação do tipo de provas admitidas, das formas de exposição e de argumentação consideradas como rigorosas etc... (HENRY, 1992, p. 137).

Entretanto, é porque a língua é fluida que o sentido desliza e sempre pode ser outro. Na ilusão de controle, esse sujeito da ciência, ao buscar alcançar o real da língua, produz o objeto de conhecimento por meio de representações que permitam a abstração desse saber. A esse respeito, trazemos à baila a noção de efeito metafórico, cunhada por

Pêcheux (2009). Em seu artigo “Análise Automática do Discurso” (AAD-69), o autor dedicará parte de suas reflexões a essa noção, extrapolando a ideia de um fenômeno local de simples troca de termos e desvio de sentidos, ao pensar em um fenômeno semântico produzido por substituições entre termos de um mesmo contexto, que resulta em um processo de deslizamento de sentidos.

Dessa forma, sendo Saussure (2012) um sujeito da ciência, passamos por um emaranhado de sentidos que deslizam para significar. Ao fazer uso de metáforas em busca de (como compreendemos) tornar mais claras suas explicações, na ilusão de controlar os sentidos, Saussure produz deslocamentos em que uma palavra é tomada por outra e significa de forma diversa- como só poderia ser, uma vez que o *sentido* não está *na* palavra.

Essas substituições, estudadas por Pêcheux (2009), não só são necessárias para que se dê o efeito metafórico, mas também só são possíveis por meio dele. Dentre outras particularidades das condições de realização do efeito metafórico, é preciso que essas substituições, constitutivas do fenômeno, se deem entre termos de um mesmo contexto (por isso “substituição contextual” (PÊCHEUX, 2009, p. 96) de modo que não haja perda de conteúdo semântico, isto é, os termos a serem substituídos precisam produzir “o mesmo efeito de sentido no mesmo contexto dado” (PÊCHEUX, 2009, p. 96). Consideramos, pois, que é a partir da desconstrução das metáforas que se torna possível entrar na ordem do repetível para formular noções ligadas a uma série de conceitos. Em nosso ver, a metáfora é a virtualidade que está na significação, e o discurso científico é permeado por elas.

4 As metáforas em Saussure: considerações acerca da produção do saber científico

Independente de qual corpus de pesquisa saussuriano analisarmos, encontraremos a criação de comparações e analogias que objetivam, de alguma maneira, um entendimento da teoria proposta, além de uma aproximação do leitor com a natureza do objeto língua. Mais do que um papel didático, as construções metafóricas em Saussure exercem um papel reflexivo, pois apresentam marcas de um fazer científico bastante particular. Tal fazer caminha na contramão do que afirma Normand, quando nos traz que o

[...] o recurso metafórico na pesquisa resume-se a um procedimento provisório, uma aproximação que, por um momento, dá espaço à imaginação, mas que deve, posteriormente, superar-se em definições puramente conceituais (NORMAND, 2009, p. 83).

Quando expomos aqui que revisitamos as construções metafóricas propostas por Saussure (2012), não estamos querendo estabelecer quais metáforas podem ser superadas ou quais são mais coerentes com a evolução da ciência linguística, pois não acreditamos nesse estatuto da verdade universal. Detemo-nos, então, na construção do signo, na noção de significação e de valor, a partir de alguns deslizamentos de sentido que atravessam o corpus saussuriano, no intuito de compreender o papel das metáforas no fazer científico, como discutimos na sequência.

A comparação do funcionamento da língua com o jogo de xadrez se constitui como uma das mais reconhecidas analogias trazidas no CLG, principalmente por sua relevância no que concerne à divisão *linguística interna/linguística externa*. Entendemos a separação interno e externo como uma demarcação de espaço que, de acordo com Normand (2009), realiza-se por meio de gestos positivistas e idealistas realizados na construção do objeto científico, como podemos compreender na leitura do primeiro recorte, apresentado no R1:

R1 - [...] assim como o jogo de xadrez está todo inteiro na combinação das diferentes peças, também a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas (SAUSSURE, 2012, p. 152).

Nessa metáfora do jogo de xadrez, há deslizamentos de sentidos que ecoam num efeito de transparência, – na busca por produzir ciência – e, mais do que isso, provocam um efeito de didatização ao transmitir o saber sobre a língua. Por meio da utilização de metáforas, Saussure constrói novas rotas, novos caminhos de significação, que buscam aproximá-lo do leitor, como se buscasse, com o uso de metáforas relacionadas a elementos usuais, tornar palpáveis reflexões de tamanha complexidade. Engendrados na metáfora, os saberes científicos são investidos de sentidos diferentes e estranhos, “que vêm pela memória, carregando consigo sentidos da vida simples do homem simples” (DALTOÉ, 2013, p. 5).

Assim, ao fazer uso dessa metáfora, Saussure determina o objeto da linguística, ao definir que o estudo da linguagem não caberia a uma única ciência, enquanto a língua pertenceria ao domínio da Linguística. A formulação se afasta de seu sentido literal, para dizer de outro modo e, no mover dos sentidos, construir o saber científico. Compreendemos, com Grigoletto (2000, p. 14), que a “metáfora está, pois, na base do movimento dos sentidos, uma vez que para haver discurso, é preciso que se passe constantemente de um sentido a outro”. Compartilhando o raciocínio de Pêcheux (2009), propomos que a metáfora é, então, a base para a produção de sentidos; a única forma de produzirmos discursos, especialmente no que tange ao discurso das teorias científicas que “não se desenvolvem nunca no espaço puro do discurso lógico, mas se estabelecem sempre sobre uma rede metafórica que lhes serve de apoio” (PÊCHEUX, 2014, p. 154). No R1, são os saberes culturais, históricos e sociais que a metáfora evoca sobre as regras dos jogos de xadrez que ressignificam a formulação, evocando imagens e conceitos inscritos na memória discursiva e remetendo-as ao interdiscurso.

Ainda buscando estabelecer um terreno científico compreensível, no CLG, a relação entre valor e o arbitrário do signo é apresentada por Saussure por meio da representação da língua como folha de papel, como podemos ver no recorte a seguir:

R2 - A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som(...) (SAUSSURE, 2012, p. 131).

Na formulação do R2, temos a articulação som e pensamento – totalmente arbitrária – e a língua como forma. Ou seja, a folha tomada como língua é forma, nunca substância, e implica a existência de um exterior que interfere na ordem dos elementos. Caso assim não fosse, a própria noção de valor seria afetada.

Mais uma vez, consideramos que a utilização dessas metáforas representa uma manifestação saussuriana, implícita, da forma de lidar com o externo e o interno na língua. Ou ainda, como mesmo nos aponta Coracini (1991), a metáfora se coloca sempre para além das questões puramente linguísticas, pois ela deve ser vista como fenômeno discursivo, além de ser procedimento de raciocínio que de fato não realiza a diferenciação entre literal/metafórico. Já que o metafórico na linguagem é anterior ao próprio discurso, ele é entendido pela autora como o “modo de expressão da vida subjetiva do Universo” (CORACINI, 1991, p. 146).

Concordamos com Pêcheux (2009) quando afirma que o efeito metafórico não produz ou acarreta perda de conteúdo semântico de forma alguma, uma vez que se dá pelo deslizamento de sentidos entre diferentes termos, deslizamento este que é “constitutivo do ‘sentido’ designado”(PÊCHEUX, 2009, p. 96) pelos diferentes termos em câmbio. Para que possamos refletir acerca desse processo de produção de sentidos, é necessário, então, pensar

no que entendemos por deslizamento. Em nossa concepção, os sentidos não estão aprisionados e, por meio desses deslizamentos, um sentido antes estável é movido a se tornar outros no funcionamento do discurso.

Em síntese, Pêcheux (2009) nos apresenta que o efeito metafórico é o fenômeno responsável pela constituição dos sentidos: a cada novo enunciado produzido há efeitos metafóricos em funcionamento para garantir que seja possível que sentidos deslizem de um termo a outro, permitindo a construção de novos discursos e novos sentidos.

Compreendemos que, ao afirmar o caráter heteróclito e multifacetado da linguagem, a partir da metáfora do Cavaleiro de diferentes domínios (R3), o texto saussuriano não provoca apenas substituições entre termos, há uma série de efeitos metafóricos que ligam esses termos, essas sequências, e que possibilitam um novo encadeamento delas para a produção de discursos, ao mesmo tempo em que mobiliza elementos “importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva” (PÊCHEUX, 2014, p. 158, grifos do autor).

R3 - Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios(...) (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Na formulação dessa metáfora saussuriana, ecoa a fascinação do linguista pelas lendas²⁸ e poemas medievais. Segundo Lévi-Strauss (2005), Saussure passou a maior parte de sua vida elucidando essa confusão entre mitos, lendas e história. Esse estudo resultou nos manuscritos saussurianos que compreendem 18 cadernos e diversas folhas avulsas, e há divergências dos autores no que concerne à relação de proximidade desses escritos com o CLG²⁹. Assim, compreendemos que, quando Saussure define a linguagem em seu todo, no uso da metáfora do Cavaleiro de diferentes domínios, entra em funcionamento o efeito metafórico e, por meio dele, os domínios territoriais pelos quais os cavaleiros medievais competiam, deslizavam para representar os domínios da linguagem. Nas palavras de Saussure,

R4 - ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Consideramos que a noção saussuriana de valor nasce de sua relação com as ciências econômicas. Assim, na leitura do CLG, encontramos também o funcionamento da metáfora, quando a formulação provoca deriva de sentidos ao definir a noção de valor. Nesse sentido, se, com o desenvolvimento dos modos de produção capitalistas em nossa sociedade ocidental democrática, há a relação entre a força de trabalho e um salário/capital variável. Na linguística, essa relação se dá entre significado e significante:

R5 - trata-se de um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes (SAUSSURE, 2012, p. 121).

Atrevemo-nos a comparar, alicerçando-nos nas ideias de Pêcheux (2009), a luta do cientista por produzir sentidos e garantir a aproximação com um real imaginário à luta de

²⁸“Essas lendas, oriundas da mitologia germânica, retratam povos anões, possuidores de um anel mágico e vasta riqueza em ouro, sendo subjugados por Siegfried e seus guerreiros. Nos cantos medievais, passam a ser retratados como os povos burgúndios” (SOUZA, 2012, p. 11).

²⁹Embora consideremos muito interessante esse estudo das lendas germânicas, não nos aprofundaremos nessa questão, discutida por Engler (1974/1975) e Avalle (1973).

classes. A essa luta da/na Ciência – à época sustentada pelos estudos neogramáticos –, o autor chama de “luta filosófica”, definindo-a como “um processo sem fim de retificações coordenadas, que se sustentam pela urgência de uma posição a ser defendida e fortalecida frente ao que se poderia chamar a adversidade no pensamento” (PÊCHEUX, 2009, p. 270). Nessa luta por cercear os sentidos, buscando organizá-los. Buscando se fazer entender, na ilusão de ser origem, esse sujeito da ciência luta com as palavras, sem entender que os sentidos estão à deriva, uma vez que esse processo é da ordem do inconsciente.

Buscando explicitar as relações entre identidade e oposição, Saussure (2012) traz à baila em seu texto diversas metáforas:

R6 - (...) Esse caráter avulta bem na comparação de alguns fatos tomados fora da linguagem. Assim, falamos de identidade a propósito de dois expressos “Genebra-Paris, 8 hs 45 s da noite”, que partem com vinte e quatro horas de intervalo. (...) Ou então, quando uma rua é arrasada e depois reconstruída, dizemos que é a mesma rua, embora materialmente nada subsista da antiga. (...) Oponhamos aos casos precedentes, o caso - assaz diferente - de um traje que me tivesse sido roubado e que eu reencontro na loja de um adeleiro. Trata-se de uma entidade material, que reside unicamente na substância inerte, o pano, o forro, os aviamentos, etc(SAUSSURE, 2012, p. 154-155).

Em uma mesma página, faz uso de três metáforas: o expresso Genebra-Paris, às 8h45min da noite, a rua arrasada e depois reconstruída e o traje roubado. Por meio dessas formulações, o autor procura discutir a questão da identidade, explicando a constituição da identidade linguística.

Saussure recorre, portanto, a recursos extralinguísticos para explicar o funcionamento linguístico. Ao trazer à cena um trem que sai todos os dias no mesmo horário, mas que apresenta sempre passageiros diferentes, vagões ou locomotivas diferentes, ele desloca os sentidos para a palavra, que proferida em situações diferentes apresenta diferenças semânticas e fonológicas. Entre elas, porém, conservam-se traços de identidade e o que faz o expresso são suas peculiaridades em relação aos demais trens. A mesma associação é feita em relação à rua devastada, por mais que seja reconstruída e que nada reste da antiga arquitetura do local, haverá traços que serão conservados, ela não deixará de ser a antiga rua, pois, para Saussure (2012, p. 22), “a entidade que constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha sua matéria ocasional”. Para a constituição e a formulação dos sentidos, operam tanto o interdiscurso, em que o que se observa a presença de saberes filiados a diferentes FDs, como também o intradiscurso, quando o que está em questão é o processo de formulação do dizer. Ou seja, o que é dito no eixo da formulação metafórica, só é possível porque os sentidos já funcionam no eixo de constituição discursiva. É isso que torna possível os deslizamentos de sentido na produção de novos dizeres.

5 Conclusão

Ainda que se envaideça pelo efeito de objetividade, o discurso científico é permeado de metáforas, não para produzir o belo – perseguido pelos poetas –, mas para traçar rotas de sentidos e permitir a formulação e circulação do conhecimento. Ao relacionarmos o efeito metafórico ao discurso da ciência, questionamos a linearidade e objetividade do fazer científico, uma vez que a ciência não é isenta de quem a produz e que o sujeito da ciência é também um sujeito histórico, constituído em determinadas condições de produção.

Entendemos que, ao buscar conferir à linguística o caráter científico, por meio da delimitação do objeto, Saussure (2012) se preocupa em fazer retomadas, nas idas e vindas da metáfora, para conferir a maior especificidade possível aos novos conceitos que acabara de

cunhar, numa tentativa de, na construção do discurso científico, dar cabo da falha, do equívoco. Tal empreendimento, sob o viés da AD, é inútil, uma vez que entendemos o próprio equívoco/falha como constitutivo do discurso/dos sentidos.

Ressaltamos que, em nossa opinião, a metáfora não é uma escolha – na medida em que o sujeito não é origem de seu dizer (PÊCHEUX, 2009) –, mas é constitutiva do fazer e do dizer científico. Esse efeito metafórico se dá no diálogo entre o domínio da ciência e o do homem comum e produz deslocamentos de sentidos que desembocam em um saber que não é - e não será - mais o mesmo, ao passo que se constitui no constante mover dos sentidos. Isso porque, conforme Serriot³⁰ (2000), as palavras e as coisas nunca se recobrem totalmente, devido à incompletude, que é a condição mesma do conhecimento.

Ao pensar sobre seu objeto de interesse, o sujeito da ciência estabelece analogias, buscando questionar a si mesmo e, nesse processo, o efeito metafórico já está instaurado – na relação do cientista com o próprio objeto. Saussure (2012), ao pensar a língua para forjar sua teoria, já produz deslizamento de sentidos ao se relacionar com o objeto do saber, pois essa relação é, por si, metafórica. O próprio esforço em definir língua como sistema já nos orienta em uma identificação de deslizamentos de sentido: um discurso científico sobre a língua que se aproxima do discurso científico da biologia, ciência da vida. Sabemos, porém, que as discussões acerca dessa temática não se encerram aqui, pois, nas palavras de Gadet e Pêcheux (2004, p. 55), “[...] A favor ou contra Saussure, todas as combinações positivas e negativas foram tentadas, sem esgotar o segredo do projeto saussuriano”.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: EniOrlandi. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. 142 p.

AVALLE, D. S. **Essais de la théorie du texte**. Paris: ÉditionsGalilée, 1973. 219 p. (Collection a la Lettre).

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 334 p.

CORACINI, Maria José. **Um Fazer Persuasivo: O Discurso Subjetivo da Ciência**. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991. 212 p.

DALTOÉ, A. S. As metáforas de Lula e o deslizamento dos sentidos na língua política: um ritual que falha. In: **Anais 1 Seminário de estudos em Análise do Discurso**. UFRGS: Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/6SEAD/SIMPOSIOS/AsMetaforasDeLula.pdf>> Acesso em: 12 mai. 2015.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004. 223 p.

GUIMARÃES, E. R. J. **Designação e espaço de enunciação: um escrito político no cotidiano**. Santa Maria: Letras (Santa Maria), n. 26, 2003. p. 53-62.

GRIGOLETTO, M. Funcionamento metafórico e construção de identidades no discurso colonial britânico. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 4, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/viewFile/1289/943>>. Acesso em: 01 mai. 2014.

³⁰ Tradução no prelo (SCHERER, A. E.; COSTA, M. I. S., Universidade Federal de Santa Maria).

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução Maria Fausto P. de Castro. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LÉVI-STRAUSS; ERIBON. **De perto e de longe**. Cosac Naify, 2005. Disponível em: <<http://www.wejconsultoria.com.br/site/wp-content/uploads/2013/04/Claude-L%C3%A9vi-Strauss-e-Didier-Eribon-De-Perto-e-de-Longe-completo.pdf>>. Data de acesso: 20 mai. 2015.

NORMAND, Claudine. O curso de linguística geral, metáforas e metalinguagem. In: NASCIMENTO, Valdir do Flores; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). **Convite à linguística**. Tradução Cristina de Campos Velho Bircketal. São Paulo: Contexto, 2009. 204 p.

ORLANDI, E. P. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: FERREIRA, M. C.; INDURSKY, F. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 11-20.

PAVEAU, M-A; SARFATI, G-É. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. Traduzido por Maria do Rosário Gregolin [et.al.]. São Carlos: Claraluz, 2006. 272 p.

Pêcheux M. Metáfora e Interdiscurso. In: Pêcheux M. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4ª. ed. Campinas: Pontes; 2014. p. 151-161.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2009. 287 p.

PÊCHEUX, M. Observações para uma teoria geral das ideologias. In: **Rua**, Campinas, 1995, p.63-89

PÊCHEUX, M. Sobre a desconstrução das teorias linguísticas. In: **Língua e Instrumentos Linguísticos**, n. 2. Campinas: Pontes, 1999. p. 7-32.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do dispositivo experimental da análise de discurso. In: DIAS, C.; PETRI, V. (Orgs.) **Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 37-48.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução A. Chelini; J. P. Paes; J. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012. 312 p.

SAUSSURE, F. **Escritos de linguística Geral**. Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2002. 296 p.

SÉRIOT, P. **Limites, bornes et normes: la délicate constitution de l'objet de connaissance en sciences humaines**. Colloque Géo Ponts, 2000. p.125-139.

SOUZA, M. S. Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria. 2012. 128 f. Dissertação (mestrado em Linguística) – PPGEL, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <http://www.btdt.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4420>. Acesso em: 20 mai. 2015.

Submetido em 18/07/2016

Aceito em 10/10/2016